

INTERNATIONAL CONFERENCE

Between Three Continents: Rethinking Equatorial Guinea on the Fortieth Anniversary of Its Independence from Spain

Hofstra University, Hempstead (New York)
Thursday April 2—Saturday April 4, 2009

J. BRAVO CARBONEL E JOSÉ DE MACEDO: DUAS LEITURAS COLONIAIS

DOS TRÓPICOS

Cátia Miriam Costa

Universidade de Évora

RESUMO:

Tendo como ponto de partida a literatura publicada por estes dois autores coloniais, um espanhol e outro português, que se referem a dois territórios coloniais dos seus países – Guiné Equatorial e Angola – este trabalho basear-se-á na comparação de conteúdos e estéticas associadas à literatura colonial produzida por ambos.

Igualmente, debruçar-nos-emos sobre as expectativas existentes em cada uma das metrópoles relativamente à política colonial e, com um terNE írua EMC 9(1)-6(he0(r)]r(d)-10)

Para tornar esta análise possível, partimos de duas obras, escritas pelos autores, J. Bravo Carbonel e José de Macedo, denominadas *Fernando Poo y el Muni: sus misterios y riquezas. Su Colonización e Autonomia de Angola: estudo de administração colonial*, respectivamente, com as suas primeiras edições em 1917 e 1910. Escritos com objectivos muito precisos, que adiante exploraremos, o mais importante dos quais “a propaganda dos territórios colonizados”, não deixam de poder ser considerados na sua forma e na estética que preconizam, no âmbito da classificação literária, literatura colonial. Aliás, como seguidamente veremos, é perfeitamente identificável uma relação entre forma e conteúdo, aprofundada ao máximo por ambos autores.

Vejamos agora quem são os autores, outro elemento indispensável na prossecução do estudo que pretendemos levar a cabo. J. Bravo Carbonel é um funcionário da administração colonial que vive três anos nos territórios da então Guiné Equatorial, enquanto responsável pela área veterinária da colónia, estando, portanto, a cumprir uma comissão administrativa¹. José de Macedo é jornalista e vai dirigir o jornal *A Defeza de Angola*², depois de perseguido na metrópole, devido às ideias republicanas em tempos da monarquia, permanecendo em Angola durante cerca de quatro anos, interrompida a sua estada por motivos de doença de sua esposa³

¹ O próprio autor declara ter vivido três anos na Guiné Equatorial, Carbonel, J. Bravo, *Fernando Poo y el Muni: sus misterios y riquezas. Su colonización*, Madrid, Imprenta de “Alrededor del Mundo”, 1917, p. 8. O prefaciador do livro, Tomás Maestre, acrescenta que J. Bravo Carbonel foi Oficial Facultativo do Exército e veterinário militar, vide Maestre, Tomás, “Prólogo”, *Fernando Poo y el Muni: sus misterios y riquezas. Su colonización*, Madrid, Imprenta de “Alrededor del Mundo”, 1917, pp. IX-XVI, pp. XIV-XV.

veterinária e o outro formação económica, um crê que vai servir o estado o outro acredita estar a servir a sociedade civil.

Contudo as conjunturas internas e externas dos seus países aproximam-nos em alguns aspectos, tornando-os faces divergentes de uma mesma época. Ambos enraízam o seu pensamento no positivismo que caracteriza os movimentos intelectuais deste período, transpondo esse vínculo para a sua escrita, senão vejamos: ilustram as suas opiniões

1910 ter sido um ano de revolução em Portugal, com a Implantação da República. O ciclo das nações ibéricas não alterou o seu curso nesse período de tempo, nem a história ou o presente tinham sofrido reinterpretações; a conjuntura externa e a instabilidade interna mantinham-se e ameaçavam ficar durante o que parecia uma conjunção infundável.

I –

ibéricos nos territórios, os autores introduzem-nos nesses caminhos da história e dos diplomas administrativos.

A independência das colónias da América e a perda de territórios associados a outras possessões, lança estes dois países numa derradeira tentativa de afirmação em África, sentindo-se ultrapassados por todos aqueles países europeus que não deram novas nações ao mundo, não descobriram nem trilharam caminhos indómitos, não “civilizaram” o *outro* nem fizeram de desertos verdadeiros países. É nessa revolta e na vontade de afirmação interna e externa da posição destes países que se mobiliza o público, esse leitor que ajudará a mudar o rumo das coisas, essa assistência que lê e reelabora o texto, que pesa argumentos, compara experiências e, no final, formará uma opinião, primeiro passo para uma cidadania activa que ambos os autores procuram se bem que com finalidades diferentes. Essa profunda ligação entre passado e presente, entre América e África, entre perda de colónias e construção de um novo tecido colonizador e colonial, espelha-se nos exemplos comuns que encontramos em ambas as obras, em que de facto vemos como referência tanto de um lado como do outro a situação colonial vizinha. Se J. Bravo Carbonel compara mais do que uma vez a situação de São Tomé à da Ilha de Fernando Pó e, no prefácio à sua obra, Tomás Maestre compara a posição colonial de Portugal e Espanha à época⁷; José de Macedo exemplifica com Cuba, o previsível futuro de Angola, caso não haja uma maior descentralização e progressiva autonomia⁸. Curiosamente ou não, ambos os autores se referem ao degredo político dos dissidentes cubanos que foram condenados a ir para Fernando Pó, exactamente na Guiné Equatorial, mas por razões diferentes, um assim justificando a má fama da Guiné entre a população metropolitana, o outro explicando

⁷ J. Bravo Carbonel, op. Cit., pp. 129-130: Tomás Maestre, op. Cit., p. X.

⁸ Sobre o caso cubano ver José de Macedo, op. Cit., pp. 118-120.

que a solução nunca pode ser afastar os dissidentes autonomistas, mas antes ouvi-los e com eles trabalhar para um futuro comum⁹.

J. Bravo Carbonel e José de Macedo traçam em escrita os percursos ibéricos nestas terras africanas que conheceram: a Guiné Equatorial parecia eivada de profundas assimetrias entre continente e ilhas, com uma colonização ainda incipiente e sem domínio efectivo das populações do interior, com a ausência praticamente total de uma elite colonizadora e com a inexistência de elites locais; Angola é descrita como tendo centros de povoamento antigo, com centros urbanos já bastante desenvolvidos, o sertão dominado quase na totalidade e uma elite local formada por colonos e alguma população local (que seria essencialmente mestiça). Se as metrópoles pareciam estar próximas nos seus desafios de presente e futuro, estes territórios coloniais eram descritos como formas bastante dissemelhantes.

1.2 J. Bravo Carbonel e José de Macedo, duas jornadas africanas

Os motivos da partida dos autores para territórios africanos colonizados pelos respectivos países são diversos, como anteriormente referimos. O modo como estes intelectuais interpretam os trópicos é, em parte, tributário dos seus percursos ntribut /C / 1(e)4(nv

profícuo e com vastas possibilidades para o colonizador¹². José de Macedo, no decurso da sua obra explica as suas motivações, partilha aspectos pessoais e profissionais da sua vida e não hesita em invocá-los perante o leitor que participa de toda a descrição factual que envolve o seu discurso¹³. Assim sendo, chega a criar uma relação de cumplicidade com o leitor que vai conhecendo até os pormenores da sua experiência de modo a estar alerta para os perigos enunciados pelo autor. J. Bravo Carbonel fala da sua experiência, mas de modo indirecto, chegando a aparecer nas citações como se fosse uma terceira pessoa, afastando-o de certo modo do leitor, o que também é resultante do facto de uma parte considerável do livro incidir, sobretudo, na descrição que envolve já o modo como o autor vê a realidade¹⁴. O leitor permanece passivo, sobretudo, porque a natureza exótica e as populações “bárbaras” são para si desconhecidas. A distância face à realidade europeia constantemente invadem o discurso e o seu público, radicado na Europa e apenas leitor e não experimentador da realidade africana, precisa de senti-la assim mesmo pela palavra escrita em texto, daí a prodigalidade de descrições apelando à construção imaginária do leitor.

Contudo, ambos os autores recorrem à sua vivência como âncora dos seus textos. A sua experiência mais ou menos real, mais ou menos emocionante, mais ou menos sentida, insere o autor/narrador na realidade contada, se bem que como personagens extrínsecas como o são todos os colonos temporários destas terras, logo desta realidade tropical e colonial¹⁵. Sai reforçada a verosimilitude do discurso que o leitor acredita transportá-lo verdadeiramente para a Guiné Equatorial ou para Angola. Forja-se o conhecimento de

¹² Pela primeira vez e com o objectivo de expor as bases de cálculo para o rendimento das propriedades, J. Bravo Carbonel aborda o leitor. Vide J. Bravo Carbonel, op. Cit., p. 281.

¹³ José de Macedo escreve sobre si, incluindo a sua detenção em Angola, José de Macedo, op. Tic., pp. 163-165.

¹⁴ J. Bravo Carbonel, pp. 197-203.

¹⁵ Isto apesar de José de Macedo se considerar uma personagem integrante do cenário da luta de Angola pela autonomia.

despertar algum interesse pelo livro), os seus objectivos são diversos. J. Bravo Carbonel escreve para impulsionar a colonização branca, o trabalho autóctone e uma presença efectiva da administração colonial nos territórios. José de Macedo escreve para promover uma maior autonomia da colónia face ao governo central metropolitano e a educação de colono e colonizador em território colonial.

J. Bravo Carbonel reforça o carácter exótico dos conteúdos que descreve através do recurso a figuras de estilo que concedem forma airosa e atraente ao texto, por meio de metáforas, enumerações, adjectivações, oposições, que causam no leitor o acompanhamento interessado e o seu transporte para a realidade lida. O aspecto selvático e insubmisso da natureza, expectante que alguém a vá dominar é apresentado, assim como é referida como solução a ida em massa do colono espanhol a quem saberia dominar e aproveitar toda essa pujança espontânea. Igualmente as populações são apresentadas como distantes de nós, imorais, quase primárias como os animais, portanto, necessitadas de submissão. A paisagem ecológica do território, incluindo a existência humana, surge assente em substantivação e adjectivação fortemente sexualizada (repetindo-se palavras como luxúria, cursscrev er o crepúsculo, por exemplo, virgindade, reprodução, fertilidade, prazer, desejo, atraente) e mistificada,

com deveres “civilizatórios”, porque o autóctone não vai conseguir extrair nada daquele território, tal como nunca conseguiu. Assim, surgem algumas descrições com ambições etnográficas e do meio ambiente pejados de artifícios que os transformam em algo distante, mas que está ao alcance do leitor, em sentido real (através da ida para lá como colono) e figurativo (transportando-se através do texto).

Em José de Macedo encontramos um discurso bem distante deste que acabámos de analisar. O seu texto está prenhe de informações, prestadas em tom coloquial, num permanente diálogo com o leitor¹⁷. Para reforçar a objectividade que pretende dar ao texto, retira-lhe todos os artifícios estilísticos a que recorre o autor precedente. Compensa esta aparente aridez do discurso com uma pontuação forte, repleta de exclamações e de interjeições ao leitor, contrabalançando na pontuação a ausência de outros artefactos literários que embelezam o texto. O que não aparece em exotismo, apesar de o tema ser em torno de um território colonial tropical, está presente em emotividade. O texto constitui-se como um todo, sem repetições e sempre com um raciocínio que tem uma linha condutora: provar que a descentralização progressiva, tendente à autonomia é a única forma de resolver os problemas de Angola e de prepará-la para uma futura independência, quando tivesse condições para tal. Deste modo, o carácter objectivo do texto e a precisão do discurso eram um requisito para o autor que pretende levar o leitor a pensar consigo o tema e as soluções para uma nova administração colonial em Angola que assegurasse o progresso da colónia. Com elites locais minimamente preparadas para iniciar o processo, José de Macedo não vê aquele território como estando repleto de exotismo ou divergente face à metrópole, antes parece-lhe a administração colonial ser apenas um prolongamento de alguns erros cometidos também na capital, isto é, no âmbito da administração central em geral.

¹⁷ José de Macedo, op. Cit. Pp. 56-57, como exemplo.

2.1: Uma África passiva ou uma África activa?

Tal como vimos anteriormente a finalidade com que escreve cada um dos autores é diversa, bem como o é a forma como interpretam os locais sobre os quais escrevem e o modo como vêem as populações.

conhecimentos e e (ntosonóe 2(oso, po B0hnlT /TíT /Tt)4()-1(2(oso()-1n1h4tlo2(os)-1(a(oslT /

locais que não seja o da dependência, o outro acredita que no futuro as populações serão capazes de se gerir a si mesmas. Um acredita na diferença, o outro crê que é possível caminhar para a igualdade. Um aponta para uma África passiva, o outro luta por uma África activa.

CONCLUSÃO

Encerramos este estudo com uma certeza: J. Bravo Carbonel e José de Macedo preconizaram duas leituras dos trópicos bem diferentes, apesar de ambos terem vivido nos territórios sobre os quais escreveram e terem contactado com as populações locais. Assentes no regime colonial como ponto de partida e única forma de promover o desenvolvimento daquelas populações, o que seria o pendor altruísta da colonização, distanciam-se quando falam das razões egoístas de colonizar, entre estas destacando-se a apropriação das riquezas locais. Para Bravo Carbonel estas deveriam servir para engrandecer a mãe pátria, para Macedo estas deveriam servir para prover ao desenvolvimento local e, se possível, nacional. Divergências estas que se prolongam nas formas textuais que escolheram para defender os seus objectivos, um encaminhando-nos para um discurso pejado de exotismo, o outro guiando-nos num texto racional e pretensamente objectivo, contudo repleto de emotividade.

Estes dois casos exemplificam o que parece estar muito esquecido para alguns: na literatura colonial produzida nos vários países colonizados e nas próprias antigas colónias existe variedade nos discursos produzidos, tanto nos aparentes relatos do real como nas propostas alternativas à realidade, tanto encontramos textos belos e ficcionais como textos mais objectivos e pegados à realidade experimentada. Só lendo os vários autores, comparando as suas obras, procurando os seus trilhos e analisando os seus textos nas suas formas e conteúdos, poderemos ter uma pequena ideia do que constitui a

Macedo, José, *Autonomia de Angola*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1008, 3.ª Edição

Said, Edward, *Orientalismo*, Lisboa, Livros Cotovia, 2004, 2.ª Edição

Soares, Francisco, *Notícia da Literatura Angolana*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2001

SOARES, Francisco, *Teoria da Literatura, Criatividade e Estrutura*, Luanda, Editorial Kilombelombe, 2007